

BULLYING EM ESCOLAS PARTICULARES DE CURITIBA

NUNES , Mayara Figueiredo – PUCPR
mayarafnunes@hotmail.com

HERMANN, Talita Barbi – PUCPR
tatitabarbi@hotmail.com

AMORIM, Cloves - PUCPR
Cloves.amorim@pucpr.br

Resumo

O fenômeno *bullying* é universal, variando sua frequência, mas lamentavelmente o Brasil foi reconhecido como campeão nesta prática. “*Bullying* é o desejo consciente e deliberado de maltratar uma pessoa e coloca-la sob tensão”. O objetivo deste estudo foi verificar a incidência de Bullying em duas escolas particulares da cidade de Curitiba. Participaram deste estudo 140 alunos matriculados na quinta e sexta série. A idade média dos alunos da quinta-série foi de 10anos e cinco meses e da sexta-série foi de 11 anos e seis meses. 70 eram do sexo feminino e 70 do sexo masculino. Coletivamente responderam ao instrumento elaborado para este estudo. Os resultados encontrados foram que 17% já estiveram envolvidos em situação de *bullying*. 66% dos eventos ocorreram no recreio e 43 % durante as aulas; 25% das meninas e 34% dos meninos afirmaram terem sido vítimas; 62% das meninas e 38% dos meninos já foram testemunhas; 58% das meninas confirmaram já terem sido autoras (bullies) e entre os meninos o resultado foi de 42%. As razões alegadas foram 50% de reação à provocação e 29% de vingança. O sentimento predominante foi a raiva (50%) e o desprezo em 37%.As principais agressões foram utilizar nome ofensivos seguidos de humilhar.Conclui-se todas as escolas deveriam preparar seus docentes e técnicos para identificar e prevenir o fenômeno bullying, e que nesta pesquisa, contrariando a literatura, houve predominância de agressores do sexo feminino.

Palavras-chave: Bullying;Violência Escolar; Violência Entre Pares.

Introdução

É comum no ambiente escolar ocorrer brincadeiras provocativas, pejorativas e humilhantes entre os alunos. Tais comportamentos como, apelidos desagradáveis, fofocas, empurrões, furtos, agressões físicas e morais, são considerados por muitos como inocentes. Entretanto, este fenômeno denominado de *bullying*, não pode ser desprezado de reconhecimento e atenção por parte de pais, professores e autoridades da escola.

Segundo a ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência), *bullying* pode ser definido como:

O termo *bullying* compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder. Portanto, os atos repetidos entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são as características essenciais, que tornam possível a intimidação da vítima.

Bullying é uma palavra inglesa que significa usar o poder ou força para intimidar, excluir, implicar, humilhar, não dar atenção, fazer pouco caso, e perseguir os outros. De acordo com Fante e Pedra (2008), *Bully* pode ser traduzido como valentão, tirano, brigão.

“Fica o nome em inglês porque não se encontrou palavra em nossa língua que seja capaz de dizer o que *bullying* diz. *Bully* é o valentão: um menino que, por sua força e sua alma deformada pelo sadismo, tem prazer em bater nos mais fracos e intimidá-los.” (ALVES, 2005, p. 22)

Pode-se dizer que embora este fenômeno ocorra com mais frequência no ambiente escolar, está presente também no contexto familiar, ambiente acadêmico, profissional e social. Segundo Fante (2008) tanto no contexto profissional quanto no familiar há uma estreita ligação de dependência – afetiva emocional ou financeira – entre os envolvidos. Desta maneira, as vítimas em geral se calam e carregam consigo uma série de prejuízos psíquicos e acadêmicos quando ocorre no âmbito das escolas.

O *Bullying* é um problema de dimensões intercontinentais, na Noruega os estudos realizados por Dan Olweus, demonstraram que um em cada sete estudantes estava envolvido em caso de *Bullying*, isto é 15% do total de alunos matriculados na educação básica. A Unicef pesquisou em 21 países da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e encontrou que a maior incidência está em Portugal, Suíça e Áustria. (FANTE e PEDRA, 2008, p. 49).

Em novembro de 2006, O Instituto SM para a Educação (ISME) apresentou dados de pesquisas realizadas em cinco países: Argentina, México, Brasil, Espanha e Chile. O resultado apontou o Brasil como campeão em *bullying* (FANTE e PEDRA, 2008)

Todos os dias, segundo Fante e Pedra (2008), 160 mil alunos americanos faltam às aulas por medo de sofrer *bullying*. Ao analisar a realidade americana, Middleton-Moz e Zawadski (2007) apresentam estatísticas no mínimo estarrecedoras: uma em cada quatro crianças sofre *bullying* por outra na escola no período de um mês; 81% dos alunos pesquisados admitiram exercer *bullying* sobre seus colegas; dois terços dos atacantes em 37

episódios de tiroteios em escolas cometeram seus crimes como vingança em razão das constantes perseguições que sofriam por parte de seus colegas. E ainda que as provocações e rejeições estão no topo das listas dos fatores que desencadeiam intenções de suicídio.(p.10)

“As vítimas de *bullying* geralmente são pessoas com dificuldades a reagir diante das situações agressivas, não conseguindo suportar a pressão a que são submetidos.” (MARRIEL, ASSIS, AVANCI, OLIVEIRA, 2006). Demonstram insegurança, coordenação motora pouco desenvolvida, extrema sensibilidade, passividade, submissão, baixa auto-estima, dificuldade de auto- afirmação e de auto-expressão, ansiedade, irritação, e aspectos depressivos (FANTE E PEDRA, 2008)

Variáveis de personalidade foram analisadas num estudo espanhol com 315 alunos, tendo sido identificados 36 *bullies* e 17 vítimas; esta pesquisa foi realizada por Cerezo(2001). Ele encontrou que o perfil dos *bullies* é caracterizado por psicoticismo, sinceridade e liderança; enquanto que o perfil das vítimas naquele estudo se caracterizava por autocontrole, ansiedade/timidez. Chama a atenção a presença de autocontrole nas vítimas.

A esta capacidade de suportar, de não sofrer diante das dificuldades, de apresentar autocontrole e seguir enfrente, dá-se o nome de resiliência.

Lindström (2001) define resiliência como “formas de se fazer frente às dificuldades, os mecanismos que permitem às pessoas comportar-se ou desenvolver-se normalmente sob condições adversas.” Sobre o assunto Ceconello e Koller (1999) observam que nem todos os indivíduos que vivenciam as mesmas situações de risco apresentam problemas. Pelo contrário, alguns deles conseguem adaptar-se e superar essas situações, demonstrando, entre outras habilidades, competência social. A estes envolvidos podemos denominar de resilientes.

Os autores do *bullying* escolhem suas “presas” de acordo com a vulnerabilidade que estas aparentam, sendo aquelas que possuem pouca sociabilidade, que possivelmente não revidará e não denunciará.

Alguns sentimentos podem ser notados em pessoas alvos destas agressões como depressão, angústia, baixa auto-estima, fobias, insegurança, inferioridade, incompreensão, evasão escolar, chegando até mesmo a casos extremos, o suicídio (Dreyer, s/d). Tanto a auto-estima quanto o rendimento escolar da vítima também podem ser afetados, como afirmam Romanelli e Amorim (2005).

Os autores acima citados afirmam ainda que algumas pessoas acabam “utilizando” o *bullying* para passar a imagem de que são populares, chamar a atenção sobre si mesmos, fazer

com que outros tenham medo delas. “É por meio da desestabilidade emocional das vítimas e no apoio do grupo que os autores ganham simpatia e popularidade.” (FANTE, 2008). Já Cavalcante (2004) afirma que alguns participam do fenômeno como uma defesa pessoal, ou seja, evitando tornar-se o próximo alvo.

Nogueira (s/d) define três envolvidos na situação de violência moral, são eles: o expectador, aquele jovem ou criança que vê diariamente as situações de *bullying* e torna-se inseguro e temeroso; a vítima é definida como o jovem ou criança frágil que é frequentemente ameaçado, intimidado, e não procura ajuda por sentir-se indefeso, podendo ter baixo rendimento escolar, ficar deprimido, ansioso, ter dificuldades de sono e pesadelos; já o agressor apresenta um comportamento de intimidação e provocador permanente, demonstrando dificuldade de colocar-se no lugar do outro. Tanto ele, quanto suas vítimas apresentam dificuldade de relacionamento, são inseguros e sentem pressão em algum momento.

Em relação ao gênero, há um paradoxo entre os estudiosos, pois alguns como a Abrapia afirmam que os casos entre meninas envolvidas com o *bullying* são raros, sendo a frequência muito maior entre os meninos, tanto como autores quanto alvos. Já Fante (2008) conclui que entre as meninas a ação é mais velada e cruel, por outro lado os meninos escolhem aleatoriamente seus alvos.

Os estudos envolvendo o tema *bullying* escolar iniciaram-se nos anos 60, mais especificamente nos países nórdicos, sendo na Noruega por Dan Olweus, e na Suécia por Heinz Leymann. No Brasil os primeiros trabalhos surgiram apenas por volta do ano de 2000, motivo este que justifica o “ [...] grande desconhecimento da temática, assim como sua gravidade e abrangência” (FANTE, 2008). Todavia foram encontradas dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso e até tese de doutorado sobre o Bullying produzidas recentemente no Brasil. (OLIVEIRA, 2007; PUPO, 2007; NOGUEIRA, 2007)

O *bullying* de forma alguma pode ser considerado como algo normal dentro do aprendizado escolar. É dever de toda escola prevenir estes comportamentos em seu ambiente. De acordo com Aramis, citado por Dreyer (s/d), a única maneira de combater esta prática é a cooperação por parte de todos os envolvidos: professores, funcionários, alunos e pais. “Desenvolver um projeto onde todos devem ter suas participações nas decisões e identificando o problema na comunidade escolar, apontar as soluções promovendo assim um ambiente escolar seguro e sadio.” (ARAMIS APUD DREYER, s/d)

Colavitti (2001) valida que é preciso avaliar, antes de tratar o filho como o “coitadinho” da história, se não é o próprio comportamento da criança o motivo de rejeição entre os colegas. Romanelli e Amorim (2005) afirmam que para que a criança também desenvolva habilidades sociais, é necessária uma interação construtiva dentro grupo de iguais, e concluem:

Com relação à auto-estima, o objetivo da escola, assim como o dos pais não consiste em proteger a criança de todas as dificuldades e das frustrações que encontrará no futuro. O excesso de proteção da família e da escola atrapalha a autonomia do jovem.

“A ausência de limites e o excesso de mimos em casa podem fazer com que a criança fique egoísta, chata, agressiva, enfim, não siga as regras básicas de convivência em grupo”, alerta a psicóloga Ceres Alves de Araújo citada por Colavitti (2001).

Alguns sinais são perceptíveis diante dos envolvidos na problemática do *bullying*, entre eles, Tavares (2004) expõe que o choro e o desinteresse de ir à escola podem ser importantes dicas para os pais de que seus filhos estão envolvidos neste tipo de assédio. Fante (2005) ainda acrescenta que há alguns comportamentos relevantes para a identificação do problema como: Ficar trancado no quarto a sair com os amigos; Ser raramente convidado para uma festa da escola; Desempenho escolar abaixo do esperado; Interesse em mudar de escola, sem uma causa aparente; Apresentar sintomas como sudorese, dor de cabeça e de barriga antes de ir à escola; Desejo de mudar algo em sua aparência.

Como consequência de todos estes atos, o *bullying* pode deixar marcas dolorosas e por vezes trágicas, onde todos os envolvidos são prejudicados. Entretanto, cada um reagirá de uma maneira, seja reproduzindo o ato que sofreu, ou tornando-se submisso e passivo diante dos outros.

As vítimas desta prática podem desenvolver alguns sentimentos e comportamentos como distúrbios psicossomáticos, medo, pânico, depressão, angústia, autoflagelação, como constata Lima (2004). Por outro lado, “os autores podem adotar comportamentos de risco, atitudes delinqüentes ou criminosas e acabar tornando-se adultos violentos.” (DREYER, s/d).

Algumas atitudes podem ser de grande importância para que estes comportamentos repetitivos sejam resolvidos. Mas para isso os pais devem ter consciência de seu limite de atuação, algumas delas são citadas por Colavitti (2001), tais como: ensinar a criança a lidar

com adversidades; elogiar seu desempenho na escola ou fora dela; ouvir o que os professores têm a dizer; cobrar medidas práticas da escola.

Entre todas as medidas que podem ser tomadas contra a propagação do fenômeno, sem dúvida o diálogo é de suma importância tanto para os pais quanto para a criança envolvida no *bullying*.

O objetivo desta pesquisa foi identificar a ocorrência do fenômeno Bullying em duas escolas particulares na cidade de Curitiba.

Método

Sujeitos

Participaram deste estudo 140 alunos matriculados na quinta e sexta série do ensino fundamental de dois Colégios Particulares na cidade de Curitiba. A idade média dos alunos da quinta-série foi de 10 anos e cinco meses e da sexta-série foi de 11 anos e seis meses. X eram do sexo feminino e Y do sexo masculino

Material

Utilizou-se material de escritório.

Instrumento

Tendo como base o instrumento desenvolvido por Freire, Simão e Ferreira (2006) da Universidade de Lisboa, procedemos a adaptação e elaboramos uma versão brasileira. Trata-se de um auto-informe, com perguntas referentes a opinião sobre o ambiente escolar, identificação de situações de vitimização, identificação de situações de observação, identificação de situações de agressão. Essas informações permitiram saber que condutas foram praticadas: empurrar, ameaçar, humilhar, bater, utilizar nomes ofensivos, caluniar, excluir, tirar coisas, magoar, estragar objetos, apalpar. Como se comportou quando ocorreu, onde aconteceu, o que fez e se estava sozinho ou em grupo e com que frequência.

Procedimento

Inicialmente as escolas foram contatadas pelas alunas e pelo orientador e com a aprovação da direção, foi agendado um dia para a aplicação do instrumento. A aplicação foi coletiva, na presença das pesquisadoras.

Resultados

Participaram 140 alunos. Quanto a ser vítima, autor ou testemunha encontrou-se que 17% já estiveram envolvidos em situação de *bullying*. 66% dos eventos ocorreram no recreio e 43 % durante as aulas; 54% ocorreu em grupo e a principal atitude das testemunhas foi pedir para parar.

25% das meninas e 34% dos meninos afirmaram terem sido vítimas; 62% das meninas e 38% dos meninos já foram testemunhas; 58% das meninas confirmaram já terem sido autoras (bullies) e entre os menino o resultado foi de 42%. As razões alegadas foram 50% de reação à provocação e 29% de vingança. O sentimento predominante foi a raiva (50%) e o desprezo em 37%.

As principais agressões foram utilizar nome ofensivos seguidos de humilhar.

Discussão e Conclusão

O estímulo à competitividade e ao individualismo, a banalização da violência bem como a incerteza da impunidade; e ainda a educação familiar permissiva tem contribuído para que o ambiente escolar seja palco de condutas que impõe dor e sofrimento para alguns alunos.

A violência entre pares, especialmente no ambiente escolar, tem sua origem num contexto relacional que segundo Constantini (2004) “O contexto relacional e psicológico que se produz com o Bullying é típico de um sistema de grupo fechado, problemático, que não encontrou brechas para desenvolver positivamente as relações entre seus membros.”

O *bullying* é um fenômeno complexo, de difícil solução que exige envolvimento e compromisso de todos os componentes da comunidade escolar. Os dados encontrados nesta pesquisa corroboram os apresentados por Lopes Neto (2006) ao informar que 40,5% dos alunos por ele pesquisado, admitiram estar diretamente envolvidos em atos de *bullying*, 16,9% vítimas ou alvos, 12, 7% como autores (bullies). Por outro lado nesta pesquisa o local mais freqüente foi o recreio (pátio) e no estudo de Lopes Neto foi a sala de aula, ou melhor, dentro das salas.

Os dados encontrados quanto ao tipo e forma de violência entre pares foi semelhante aos descritos por Nogueira (2007): “verificamos a presença de três formas de violência na escola pesquisada: física, verbal e a psicológica. Conclui a autora, tivemos dificuldade de observar o *bullying*, pois ele aparece sutil, mascarado, dissimulado, enquanto outras formas de violência aparecem explícitas.

Concorda-se com Nogueira (2007) ao afirmar que na sua pesquisa o intervalo entre as aulas era o ambiente em que mais ocorria o *bullying*. Provavelmente porque no intervalo ou no recreio pode-se burlar o controle e a percepção dos professores.

Quanto ao gênero, alguns autores tradicionalmente afirmavam maior freqüência na prática do *bullying* por parte dos meninos. Nogueira (2007) relata que nas escolas por ela pesquisada encontrou que tanto meninos quanto meninas praticavam o *bullying*. Elas praticam o *bullying* mais pela difamação, pelas fofocas, enquanto que os meninos mais por intimidações. Nesta pesquisa as meninas foram apontadas como praticantes do *bullying* em 58% como autoras (bullies) contra 42% dos meninos, havendo portanto maior freqüência feminina. E as principais estratégias foram “humilhações” e a “utilização de nomes feios”.

Bem, independente da escola ser pública ou particular, o fenômeno *bullying* é uma realidade que precisa ser tornado visível, discutido e enfrentado com seriedade, com firmeza e ao mesmo tempo promover uma cultura da paz. Parece que ações de promoção de auto-estima possa fortalecer, principalmente as vítimas, para romper com o silêncio e denunciar os maus tratos que recebem. Seguramente todas as estratégias devem ser particularizadas a cada realidade e contar com a colaboração dos pais.

REFERÊNCIAS

ABRAPIA. Disponível em: <<http://www.bullying.com.br/BConceituacao21.htm>> Acesso em: 2 de março de 2008.

ALVES, Rubem. A forma escolar da tortura. **Jornal Folha de São Paulo.** São Paulo, 2002.

CAVALCANTE, Meire. Como lidar com brincadeiras que machucam a alma. **Revista Nova Escola.** São Paulo, n. 178, 19, p. 58-61, Dez. 2004.

CEREZO, Francisco. Variables de personalidad asociadas en la dinámica bullying (agresores versus vítimas) em niños y niñas de 10 a 15 anos. **Anales de Psicologia,** vol.17, n.1 , 37-43, 2001.

COLAVITTI, Fernanda. Inferno na escola. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/130601/p_142.html> Acesso em: 11 mar, 2008.

DREYER, Diogo. **A brincadeira que não tem graça.** Disponível em: <<http://www.aprendebrasil.com.br/reportagens/bullying/default.asp>> Acesso em: 08 de março de 2008.

FANTE, Cléo. **Fenômeno bullying:** como prevenir a violência entre jovens. Ed. Verus, 2005.

_____. **Brincadeira perversas.** Disponível em: <http://www2.uol.com.br/vivermente/reportagens/brincadeiras_perversas_12.html> Acesso em: 2 de março de 2008.

FANTE, Cléo e PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar:** perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmede, 2008.

LIMA, Raymundo de. **“Bullying”:** uma violência psicológica não só contra crianças. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/043/3lima.htm>> Acesso em: 08 de março de 2008.

LINDSTRÖM, Bengt. Disponível em: <http://ral-adolesc.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-71302001000300006&lng=es&nrm=iso> Acesso em: 31 de março de 2008.

LOPES NETO, Aramis A. Comportamento agressivo entre estudantes: bullying. In Ministério da Saúde/Brasil. **Escolas promotoras de saúde: experiências do Brasil.** Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

MARRIEL L.M.; ASSIS S.G.; AVANCI J.Q.; OLIVEIRA R.V.C. Violência escolar e auto-estima de adolescentes. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742006000100003&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 03 de março de 2008.

MIDDLETON-MOZ, Jane e ZAWADSKI, Mary Lee. **Bullying:** Estratégias de sobrevivência para crianças e adultos. Porto Alegre: Artmed, 2007.

NOGUEIRA, Rosana Maria C.P. A. **Violência nas escolas e juventude:** Um estudo sobre o bullying escolar. Tese apresentada ao Programa de Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade da PUC/SP. 2007

_____. *Bullying* na escola e na vida. Disponível em: <<http://www.pedagobrasil.com.br/pedagogia/bullyingnaescola.htm>> Acessado em: 05 de março de 2008.

OLIVEIRA, Juliana M. **Indícios de casos de *Bullying* no ensino médio de Araraquara – SP.** Dissertação apresentada ao Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente da UNIARA (Centro Universitário de Araraquara). Araraquara, 2007.

PUPO, Kátia R., **Violência moral no interior da escola:** um estudo exploratório das representações do fenômeno sob a perspectiva de gênero. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-27112007-142609/>> Acesso em: 13 de março de 2008

ROMANELLI, Benerice, AMORIM, Cloves. A auto-estima e o “bullying”: uma possibilidade de atuação do psicólogo escolar/educacional. **Educação e Movimento**, Curitiba, v. 4, n. 10, 2005.

TAVARES, Julia. Brincadeira sem limite. Disponível em: <<http://www.usp.br/espacoaberto/arquivo/2004/espaco49nov/0comportamento.htm>> Acesso em: 13 março de 2008.